

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"JESUS E MARIA MADALENA: DO *EVANGELHO DE FELIPE* AO *CÓDIGO DA VINCI*"*

I SEMANA ACADÊMICA DE TEOLOGIA DA FACULDADE EVANGÉLICA DE BRASÍLIA, 31
DE MAIO - 3 DE JUNHO 2006

"CRISTIANISMO NO SÉC. XXI"

Julio César Chaves

Mestrando em Teologia e Ciências da Religião / Université
Laval

Prof.Dr. Louis Painchaud

* Gostaria de fazer um agradecimento ao meu orientador, Professor Louis Painchaud, quem primeiro realizou esta pesquisa, cujos resultados eu utilizo para escrever este artigo.



Resumo / abstract



Jesus e Maria Madalena: do *Evangelho de Felipe* ao *Código da Vinci*

O *best-seller* de Dan Brown, *O Código da Vinci*, alcançou sucesso mundial e tem levantado diversas polêmicas nos meios de comunicação. Apesar de se tratar de uma obra de ficção, o livro despertou questionamentos e perguntas nos leitores a ponto de gerar novos livros que buscam simplesmente explicá-lo ou "decodificá-lo". E agora a polêmica parece crescer, pois um filme baseado no livro está prestes a ser lançado mundialmente.

O autor inicia sua obra com uma espécie de prólogo com três comentários, que de certa forma, acabam dando à obra um falso caráter de verossimilhança e rigor histórico. Segundo a edição brasileira do livro "Todas as descrições de obras de arte, edifícios, documentos e rituais secretos que aparecem neste romance são exatas". No entanto, a leitura da obra deixa claro que não é bem isso que o autor proporciona nas páginas de seu livro.

O tratamento dos documentos e fontes é deveras simplista e anacrônico e em alguns casos não condiz com o que especialistas e estudiosos pensam a respeito. Um exemplo interessante é o do texto identificado no livro por *Evangelho de Felipe*. O texto em questão de fato existe, mas, como em outros casos, o tratamento dispensado pelo autor do *best-seller* é realmente simplista e anacrônico e até mesmo fantasioso, para não usar palavras mais fortes.

A existência de textos de cunho religioso que não foram incluídos no conjunto de livros (cânon) denominado Bíblia, e que foi instituído pela Igreja primitiva, nunca foi segredo para os estudiosos e historiadores. Esses textos, normalmente chamados de apócrifos, são numerosos e por



diversas razões, sejam elas teológicas ou históricas, não foram incluídos na Bíblia cristã. O *Evangelho de Felipe* é somente um dentre esses vários textos.

Mas por que Dan Brown escolheu justamente o *Evangelho de Felipe*? O que há de especial nesse texto? Certamente, ele o fez devido ao trecho do *Evangelho de Felipe* que cita que Jesus beijava Maria Madalena, algo que se encaixou muito bem em sua trama fantasiosa. Voltaremos a esse ponto mais tarde.

O primeiro elemento que se deve analisar para o entendimento do *Evangelho de Felipe*, e também dos demais textos apócrifos, é a pseudonímia (escrita sob um nome falso) ou pseudoepigrafia. Esses termos são utilizados para designar uma característica presente em diversos textos antigos. Um autor qualquer, ávido por conferir autoridade à mensagem de seu texto, atribuía-lhe uma falsa autoria, utilizando o nome de uma figura importante do passado, alguém que gozasse de autoridade frente a um ou vários grupos sociais ou religiosos. Conhece-se hoje, portanto, dezenas de textos religiosos "pseudonímicos", textos dos sécs.II d.C. em diante cujas autorias são atribuídas a importantes personagens do passado do judaísmo, como Esdras, e do cristianismo, como Paulo, por exemplo. E é exatamente o caso do *Evangelho de Felipe*. Não existe a mínima possibilidade de que este texto tenha sido escrito pelo apóstolo Felipe, mesmo porque se trata de um texto composto seguramente a partir da segunda metade do séc.II d.C.. E sendo um texto tardio em relação aos evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), por exemplo, o *Evangelho de Felipe* não pode de forma alguma ser considerado fonte fidedigna para o estudo de acontecimentos históricos da primeira metade do séc.I d.C., no caso, a vida de Jesus e daqueles que o cercaram. Pode-se considerar



no máximo que o *Evangelho de Felipe* reflete tradições tardias a respeito de Jesus.

Outro ponto importante a ser analisado diz respeito ao gênero literário do *Evangelho de Felipe*. Normalmente, entende-se por "evangelho", um texto que possui um quadro narrativo e que fale da vida de Jesus, seus milagres, seus dizeres, sua paixão, morte e ressurreição. Estes critérios se aplicam não somente aos evangelhos canônicos (Mateus, Marcos, Lucas e João), mas também aos outros textos da antiguidade ditos evangelhos. De uma forma ou de outra, historicamente fundado e verossímil ou não, um "evangelho" é um texto que fala da vida de Jesus. Mas não é este o caso do *Evangelho de Felipe*. O *Evangelho de Felipe* não fala da vida de Jesus, de seus milagres, de seus ditos, de sua paixão, morte e ressurreição. O *Evangelho de Felipe* sequer possui um quadro narrativo. Não há entre os estudiosos um consenso sobre o gênero literário preciso do *Evangelho de Felipe*, mas em algo eles concordam: o *Evangelho de Felipe*, apesar de seu título, não é um evangelho. Trata-se de uma coletânea de vários textos menores, de natureza diversa, dispostos de uma maneira relativamente caótica, o que dificulta o entendimento do texto. O título de "evangelho", muito provavelmente foi adicionado pelo escriba do manuscrito, não se sabe exatamente porque, não constando na composição original.

Uma vez esclarecido que o *Evangelho de Felipe* não é um evangelho propriamente dito e que de modo algum foi escrito pelo apóstolo Felipe, pode-se discutir outros pontos a seu respeito.

O *Evangelho de Felipe* faz parte da chamada biblioteca copta de Nag Hammadi. Em 1945 perto da cidade moderna de Nag Hammadi, sul do Egito, foi feita a descoberta de um conjunto de textos antigos em papiros de cunho religioso e



filosófico escritos em copta, a língua vernácula do Egito na época romana. Estes textos encontrados em Nag Hammadi são traduções de textos gregos originalmente compostos em algum momento entre a segunda metade do séc.II e o séc.IV. Estas traduções de Nag Hammadi, no entanto, datam do séc.IV. A grande maioria dos textos encontrados era desconhecida, é o caso do *Evangelho de Felipe*. Depois de quase duas décadas de atraso na publicação dos textos, em parte devido à falta de estrutura do museu copta do Cairo e também às conturbações políticas do Egito nos anos 50, finalmente em 1972, os textos de Nag Hammadi começaram a ser disponibilizados para o público.

No início acreditou-se que este conjunto de textos tratava-se de uma biblioteca gnóstica. "Gnosticismo" é o nome dado pelos estudiosos modernos a um conjunto de manifestações religiosas da antiguidade, algumas delas cristãs, que foram denominadas pelos Padres da Igreja como sendo heréticas. Os estudiosos associaram os textos de Nag Hammadi a estas correntes devido a sua similaridade com as doutrinas heréticas denunciadas pelos Padres da Igreja. Não é fácil resumir a doutrina gnóstica, mesmo porque havia uma grande pluralidade de doutrinas que foram assim taxadas, mas pode-se, grosso modo, dizer que a característica básica destas manifestações religiosas era a crença num Deus superior, bom e que sempre existiu, e na existência de uma divindade inferior, o criador do mundo material e da parte física do homem. Para os gnósticos, o homem possuiria além do corpo físico, criação desta divindade inferior, uma essência espiritual, criação do deus supremo. Para se salvar o gnóstico deve, após a morte, subir até o deus supremo, deixando para trás o criador.

No entanto, após algumas décadas de estudos, a idéia de uma biblioteca gnóstica foi sendo gradualmente abandonada.



Existe uma grande heterogeneidade na biblioteca de Nag Hammadi, textos provenientes de diversas tradições cristãs, algumas heréticas, outras não, e mesmo textos filosóficos, como a República de Platão. Acredita-se hoje, portanto, que a biblioteca de Nag Hammadi é um conjunto de coleções monásticas que foram juntadas para serem enterradas durante a segunda metade do séc.IV.

Apesar desta grande pluralidade de textos em Nag Hammadi, pode-se dizer que uma parte considerável de escritos possui caráter gnóstico. É o caso do *Evangelho de Felipe*. Boa parte dos estudiosos acredita que o Evangelho de Felipe é um texto valentiniano. Este nome provém de Valentino, cristão erudito que viveu em Alexandria e Roma no séc.II e que elaborou uma doutrina diferenciada dos preceitos da Igreja primitiva. Os discípulos de Valentino continuaram a desenvolver sua doutrina que foi taxada de herege pelos Padres da Igreja.

Voltemos agora à questão do beijo. Vejamos o trecho do *Código da Vinci* que cita supostamente o Evangelho de Felipe:

*E a companheira do Salvador é Maria Madalena. Cristo amava-a mais do que todos os discípulos e costumava beijá-la com freqüência na boca. O restante dos discípulos ofendia-se com isso e expressava sua desaprovação. Diziam a ele: 'Porque tu a amas mais do que a todos?'*¹

Dan Brown não utiliza uma tradução confiável do trecho em questão do *Evangelho de Felipe*. Na verdade, ele adultera a tradução em inglês de Isenberg publicada na edição organizada por James Robinson na década de 70 e republicada em 1996 com as traduções dos textos de Nag Hammadi².

¹ Dan Brown. *O Código da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. P.263.

² *The Nag Hammadi Library in English*. Leiden: Brill, 1996.



A tradução correta em português do trecho em questão seria:

*A Sabedoria que é chamada de 'a Estéril' é a mãe [dos anjos e [a] companheira do S[alvador. Quanto a Ma]ria Ma[da]llena, o S[alvador amava]-a mais que [todos] os discípu[los e ele] beijava-a na [boca frequentemente]. O restante dos [discípulos] dizia-lhe: 'Por que tu a amas mais do que a todos nós?'*³

Gostaria de chamar a atenção para a presença de colchetes na minha tradução. Estes colchetes indicam a existência de lacunas no manuscrito. Quando descobertas arqueológicas, como a de Nag Hammadi, acontecem é normal que os textos não estejam em ótimo estado de conservação. Os manuscritos de Nag Hammadi, incluído o do *Evangelho de Felipe*, têm mais de 1.600 anos de existência. Portanto, é de se esperar que, tendo passado tanto tempo enterrado, ele apresente marcas de deterioração: buracos nos papiros, locais onde a tinta já se apagou e manchas. Inclusive, este tipo de descoberta arqueológica, de textos antigos, só é possível em locais de clima desértico, como o Egito e o deserto da Judéia (onde uma outra descoberta de textos antigos aconteceu em 1948, os chamados Manuscritos do Mar Morto), pois a umidade é um dos maiores inimigos da conservação de textos antigos.

Portanto, é normal deparar-se com lacunas em um manuscrito antigo. Algumas destas lacunas podem ser reconstituídas com um trabalho de restauração, ou com deduções lingüísticas e gramaticais. De qualquer modo, qualquer tradução séria e confiável, seja ela acadêmica ou de vulgarização, sempre indica com colchetes ou parêntesis

³ *EvFel* 63:30-64. Tradução minha, feita diretamente do texto copta para o português.



a existência de lacunas. Dan Brown, no entanto, não o faz, além é claro de ter utilizado uma tradução adulterada.

Mas todas estas considerações podem parecer técnicas demais e não chegam ao cerne da questão: existe um texto antigo que diz que Jesus beijava Maria Madalena. Este beijo, porém, deve ser entendido no contexto de composição do nosso texto, o *Evangelho de Felipe*.

Um dos grandes inimigos dos historiadores tem sido há muito tempo o anacronismo (do prefixo grego *an*, que indica negação, e da palavra grega *cronos*, que significa tempo). Anacronismo é a palavra utilizada por historiadores e outros cientistas sociais quando se atribui erradamente a uma época o que pertence a outra. E é exatamente isso que faz Dan Brown ao interpretar o relato do beijo de Jesus em Maria Madalena do *Evangelho de Felipe*, como um ato de afeto sexual entre um homem e uma mulher. O beijo na antiguidade não possuía a mesma significação que possui no mundo contemporâneo ocidental. O beijo era utilizado como saudação, cumprimento, ou ainda em contextos rituais.

Vejamos exemplos de textos antigos que exemplificam esta idéia. São muitos os exemplos, portanto, selecionei apenas algumas passagens. Começemos pelos próprios relatos bíblicos do Novo Testamento.

As formulas de saudação de Paulo são, a saber: "Saudai a todos os irmãos com beijo santo" (1Ts 5:26); "Saudai-vos uns aos outros com beijo santo" (1Co 16:20 e Rm 16:16); "Saudai-vos mutuamente com o beijo santo" (2Co 13:12).

Temos ainda, a fórmula de saudação da *Epístola de Pedro*: "Saudai-vos uns aos outros com o beijo da caridade" (1Pd 5:14).

Acrescentemos ainda alguns relatos evangélicos:

"Tão logo chegou, aproximando-se dele, disse: "Rabi!" E o beijou" (Mc 14:45).



"E, voltando-se para mulher, disse a Simão: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa e não me derramaste água nos pés; ela, ao contrário, regou-me os pés com lágrimas e enxugou-o com os cabelos. Não me deste um beijo; ela, porém, desde que eu entrei, não parou de cobrir-me os pés de beijos" (Luc 7: 44-45).

Um último relato, desta vez não bíblico, que demonstra o caráter de saudação do beijo da antiguidade, sobretudo nos ambientes cristãos:

Assim, enquanto ele estava falando, o povo escutava com prazer e me mostrava sua aprovação, e eu lembrei de tudo isso e gritei: 'Olá, Sótades!' E me aproximei e beijei a ele e ao outro homem. No entanto, o povo riu animadamente porque eu os beijei. Então, eu entendi que nas cidades as pessoas não beijam umas as outras (Dio Crisóstomo, Discursos 7.59).

Estes trechos citados demonstram que o beijo na antiguidade era utilizado como forma de saudar as pessoas. Havia ainda uma segunda utilização do beijo na antiguidade, uma utilização ritual. Nos primeiros séculos, os cristãos utilizavam o beijo nos rituais de celebração sacramental, principalmente na celebração da Eucaristia. O beijo era entendido neste contexto como comunhão, uma forma de partilhar a graça do Senhor. E neste sentido é importante compreender um jogo de palavras que não é possível em português, mas o é em grego: a palavra grega *pneuma* significa "espírito" (é a palavra utilizada para designar o Espírito Santo, por exemplo), mas é também a palavra grega que designa "sopro". E o sopro sai da boca, daí o beijo na boca, como uma significação de comunhão espiritual.

Vejamos exemplos de textos que relatam a utilização ritual do beijo:



Quanto a nós, depois de termos banhado quem abraçou a fé e deu seu assentimento (à doutrina), nós o levamos até àqueles que nós chamamos 'irmãos', no local onde eles estão reunidos a fim de fazermos juntos, orações fervorosas para nós mesmos, para aquele que foi iluminado, e para todos os outros onde eles se acham, para que depois de termos conhecido a verdade, nós mereçamos também, por nossas ações, sermos reconhecidos como pessoas de boa conduta e bons observadores dos preceitos recebidos, a fim de chegar assim, à salvação eterna. Quando as orações terminam, nós nos cumprimentamos mutuamente com um beijo (Justino Mártir, Apologia dos cristãos 65,1).

E também:

Em seguida o diácono anuncia: 'Acolhei-vos uns aos outros e cumprimentai-vos mutuamente'. Não pense que esse beijo é do mesmo gênero que aqueles que se dão na praça entre amigos ordinários. Não é nada disso. Mas este beijo une e concilia as almas entre si. Esse beijo significa, portanto, que as almas unem-se e banem todo o ressentimento [...] (Cirilo de Jerusalém, Catequeses mistagógicas, 5.3).

A cada vez que temos de nos aproximar da santa mesa, nós somos convidados a nos amar uns aos outros e a dar-nos um beijo santo. Por que razão? Porque como os corpos nos separam, nós unimos nossas almas, nesse momento particular, pelo beijo, de tal modo que nossa assembléia torna-se semelhante àquela dos apóstolos, pois os crentes formam apenas um coração e uma alma (João Crisóstomo, Catequeses batismais 3.10)

O beijo é efetuado pelo sentido do tato; no beijo, dois pares de lábios encontram-se e tocam-se. Mas existe também uma ordem superior, ou sentido espiritual do tato, pois é também por um beijo espiritual, que se entra em contato com o Verbo (Gregório de Nicéia)

Estes textos, portanto, demonstram que o beijo possuía para os primeiros cristãos, além do caráter de saudação, um caráter ritual, de comunhão das almas entre elas e com o próprio Espírito Santo e o Verbo divino.



Mas e no caso específico do gnosticismo? O beijo também possuía tais significações, saudação e rito de união e comunhão? A resposta é sim, com um adicional, no entanto. No caso dos textos valentinianos em específico, o beijo era também uma forma de passar e receber o conhecimento necessário à salvação. Deve-se lembrar que a doutrina gnóstica, grosso modo, pregava a existência de uma divindade inferior, o criador do mundo material, e uma divindade superior, o verdadeiro e eterno deus. No entanto, a humanidade não sabia disso, tendo passado todo o tempo venerando o deus criador do mundo material (identificado nos textos gnósticos como o deus dos judeus). Cristo então, teria sido enviado ao mundo pelo deus superior para revelar tais mistérios, falar da existência deste deus superior e anunciar a salvação. E uma das maneiras de se receber esta *gnose* (palavra grega para "conhecimento", daí o nome "Gnosticismo") era comungar espiritualmente com um beijo na boca. Vejamos exemplos de textos gnósticos.

O primeiro exemplo vem de um texto chamado *Primeiro Apocalipse de Tiago*, outro texto pseudonímico encontrado em Nag Hammadi da segunda metade do séc.II, mesma época do *Evangelho de Felipe*.

E o Sen[hor] apareceu para ele [Tiago]. Enquanto ele encerrava a ora[ção], abraçou-o e deu-lhe um beijo dizendo: 'Rabi, eu te achei! Eu escutei falar dos sofrimentos que tu agüentaste; e eu estava muito aflito, pois a minha compaixão, tu a conheces [...]'⁴

A cena se passa após a ressurreição de Cristo. Repare que após ter beijado o Senhor, Tiago diz que O achou, ou seja, foi o beijo que possibilitou que Tiago encontrasse o Cristo, ou seja, compreendesse de fato sua natureza divina.

⁴ NH V 31.2-9. Tradução minha, feita diretamente do texto copta.



Num outro texto de Nag Hammadi atribuído a Tiago (mais um caso de pseudonímia) chamado *Segundo Apocalipse de Tiago*, também encontrado em Nag Hammadi temos o relato:

E ele [Jesus] deu-me um beijo na boca e me abraçou dizendo: 'Meu bem amado! Eis que eu te revelarei aquilo que nem [os cé]lus nem os arcontes conheceram'⁵.

O beijo torna possível que Tiago esteja apto a receber as revelações que Cristo vai lhe fazer.

O próprio *Evangelho de Felipe* nos demonstra em outro trecho que este beijo não se trata de um ato de afeto sexual entre um homem e uma mulher. Vejamos o trecho a seguir:

Todos aqueles que são engendrados no mundo, são engendrados conforme a natureza. E os outros, é [de onde] eles são engendrados que eles se alimentam. O homem, é pela promessa [de entrar no lugar superior que ele recebe seu alimento [] ele pela boca. [E] a palavra tendo saído de lá, ele seria alimentado pela boca e tornar-se-ia perfeito. Pois os perfeitos, é por um beijo que eles concebem e engendram. É por isso que nós beijamo-nos mutuamente, concebendo-nos pela graça que esta em nós mutuamente⁶.

O trecho é confuso, mas exemplifica que existem aqueles que são engendrados no mundo (os que não estão aptos a conhecer os mistérios da salvação gnóstica) conforme a natureza, ou seja, por meio de intercurso sexual. Mas há ainda os perfeitos, ou seja, os gnósticos, que por meio do beijo espiritual são engendrados espiritualmente, deixando de ser apenas matéria, o que possibilita sua salvação.

Há ainda um ponto específico a ser analisado no trecho do *Evangelho de Felipe* utilizado por Dan Brown. Deve-se

⁵ NH V 56.14-16. Tradução minha, feita diretamente do texto copta.

⁶ NH II 58.30-59 Tradução minha e de Louis Painchaud feita diretamente do texto copta.



perceber que, em uma tradução confiável, antes de dizer que o Salvador beijava Maria Madalena na boca, o autor do *Evangelho de Felipe*, na frase precedente afirma que a "Sabedoria" era a mãe dos anjos e companheira do Salvador. Mas o que isso significa? "Sabedoria" é tradução da palavra grega *sofia*. Na doutrina gnóstica, o deus supremo teria emanado diversas divindades, sempre em pares. O último destes pares era exatamente Cristo e a Sabedoria. A Sabedoria então, tentou engendrar algo sem a participação de seu par (Cristo), acabando por gerar uma criatura imperfeita. Ela então, arrependida de tal ato, abortou esta criatura. E esta criatura seria exatamente o criador do mundo material, o deus dos judeus. A Sabedoria então, arrependida teria retornado ao seu companheiro espiritual, Cristo. Assim sendo, para o autor do *Evangelho de Felipe*, Maria Madalena era uma imagem, uma representação terrestre da Sabedoria, a companheira espiritual de Cristo.

Portanto, o relato do *Evangelho de Felipe* que diz que Jesus beijava Maria Madalena com frequência deve ser interpretado e entendido neste rico contexto religioso e cultural, no qual o beijo, longe de ter uma significação de afeto sexual, possui um caráter de ritual de comunhão espiritual e transmissão de mistérios e *gnose*.

Concluindo, creio que seja importante relembrar que o *Código da Vinci* é uma obra de ficção e não um livro de história. O autor mistura fatos históricos com fantasias e invenções em sua mal-sucedida tentativa de atribuir "rigor científico" à sua obra. O uso indevido e anacrônico do *Evangelho de Felipe* é apenas um exemplo das diversas utilizações impróprias e fantasiosas de fontes históricas e documentos por parte de Dan Brown. Alguém que se interesse pelo estudo do cristianismo primitivo ou pela vida do Jesus histórico e dos personagens que o cercaram, deve ler livros



de historia, e não a ficção de Dan Brown, o *Código da Vinci*.